

Introdução

Uma das práticas dos líderes religiosos do tempo de Jesus era se enaltecer aos olhos dos outros. Eles gostavam de fazer boas ações em público, desde orações até dar dinheiro aos necessitados. Gostavam também de se mostrar como cumpridores das leis e das práticas religiosas. Como parte disso, era comum eles julgarem aqueles que supostamente não estavam cumprindo a lei.

Vemos claramente um exemplo dessa prática, no relato de Lucas 18.11-12, quando Jesus conta a parábola do fariseu e do publicano. Nela, o fariseu orava em público, em alta voz, dizendo: "Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo o que ganho". Interessante que esse comportamento de criticar e condenar os outros continua acontecendo hoje, no ambiente de muitas igrejas. Usualmente, isso ocorre com pessoas que se acham muito conhecedoras das Escrituras. Nesses casos, elas passam a condenar duramente aqueles que têm conduta ou conclusões diferentes sobre diversos temas, incluindo até mesmo coisas de importância secundária. O suposto conhecimento que têm das Escrituras e da doutrina, é o que costuma tornar esses crentes, pessoas críticas e orgulhosas. Tal qual os fariseus do tempo de Jesus, mantêm-se sempre prontos a julgar e condenar, enaltecendo-se e colocando os outros para baixo. Jesus alerta seus discípulos sobre serem duros e críticos em julgar. Ao dizer-lhes para não julgar, para que não fossem julgados, Ele não estava apenas criticando esse tipo de julgamento, mas está ensinando seus ouvintes a terem uma atitude correta de ajuda àqueles que tropeçaram ou estão lutando contra o pecado.

Ajudar quem tropeçou, é quase sempre um processo delicado. Por isso Jesus compara essa ajuda a um procedimento, onde alguém com um cisco no olho, precisa ser acudido.

Será que Jesus estaria proibindo algum tipo de julgamento?

Esse versículo sobre julgamentos provavelmente é o versículo mais conhecido e menos compreendido da Bíblia, e aquele que é o mais usado de forma errada.

Ele é frequentemente usado para dizer que nunca devemos julgar ninguém. No entanto, é importante observar que essa é uma interpretação errada, pois ela usa o versículo solto, independentemente de seu contexto, o que é um erro básico de interpretação da Bíblia. Vemos aqui e em várias outras passagens, tais como Mateus 18.15-17, que Jesus não condena fazer julgamentos de valor em escolhas, ou discernir pessoas, coisas ou situações. O que Ele condena, é o hábito de criticar.

Como fazer um julgamento correto sobre algo ou alguém?

A seguir destacamos quatro pontos extraídos do Sermão do Monte, que podem ajudar a responder essa pergunta.

i. Quais são suas motivações para julgar uma pessoa?

Quando apontamos os pecados e falhas dos outros, será importante, antes, considerarmos nosso coração. Estamos apontando os fracassos da pessoa porque a amamos genuinamente e queremos o melhor para ela? Ou é por raiva, orgulho ou inveja? Às vezes, poderá estar havendo um espírito de retaliação de nossa parte, que anseia espalhar e divulgar os fracassos dos outros. Esse espírito é frequentemente visto em fofocas. Semear fofocas e discórdias é o oposto do papel do pacificador cristão. Provérbios 16.28 nos alerta dizendo: "O perverso semeia discórdias, e o difamador separa os maiores amigos".

ii. O que significa "não julgar para não ser julgado"?

O que aprendemos aqui é que, se formos críticos, desamorosos e implacáveis, em nossos julgamentos, Deus poderá nos julgar de forma equivalente. Por outro lado, se formos misericordiosos e amorosos na administração da justiça, Deus agirá da mesma forma conosco.

iii. Tenha cuidado ao julgar, caso não tenha todas as informações

Provérbios 18.10 diz: "Responder antes de ouvir é tolice e vergonha".

iv. **Busque concentrar-se nos fatos e evite julgar intenções**

Um espírito crítico, muitas vezes começa por atribuir aos outros, as piores possíveis intenções, o que acaba levando a pessoa que julga, para além dos limites de um julgamento razoável.

A questão da viga no olho do crente (Mt 7.3-5)

Quando Jesus usa a analogia de uma pessoa com um cisco no olho e a outra com uma viga de madeira, Ele indica como o pecado atrapalha ou mesmo cega nossa capacidade de avaliar e ministrar aos outros. Muitos cristãos deixam a igreja desanimados ou feridos por causa de alguém que agiu de forma errada com eles ao tê-los julgado, sem primeiro ter se julgado a si mesmo, removendo a trave de seu próprio olho. Para remover nossas traves antes de julgar os outros, devemos avaliar constantemente nossos pecados. Dificilmente poderemos servir aos nossos irmãos na igreja se estivermos apegados a pecados ou coisas que não agradam a Deus. Devemos definitivamente confessá-los e abandoná-los. As Escrituras dizem em 1 Ts 5.22: "Abstenham-se de toda forma de mal".

Conclusão

Qual o significado do cisco e da trave? O cisco se refere a qualquer coisa estranha e pequena que esteja no olho. Já a trave refere-se a um grande pedaço de madeira. Jesus novamente usou uma hipérbole (comparação exagerada), para enfatizar o problema de criticar outra pessoa. A trave aponta para alguém crítico exagerado, caracterizado pela censura. Ter uma atitude correta é fundamental para julgar a si mesmo e às outras pessoas.

Os que são excessivamente críticos usualmente não são úteis ou amorosos. É contra isso que Jesus advertiu aqui. Ao considerarmos a analogia do procedimento nos olhos para remover o cisco, precisamos nos lembrar de sermos cuidadosos com aqueles que tropeçaram ou estão lutando com algum pecado. Se formos duros e críticos como os fariseus, só prejudicaremos os outros e perderemos a capacidade de ajudar nosso irmão, possivelmente fazendo com que ele até se rebele contra Deus. Em vez de acusadores como os fariseus, devemos tentar restaurar quem tropeçou.

Em Gálatas 6.1 Paulo nos ajuda nesse tema ao escrever: "Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vocês, que são espirituais, restaurem essa pessoa com espírito de brandura. E que cada um tenha cuidado para que não seja também tentado". Esse texto reconhece nossa tendência de sermos duros com aqueles que estão em pecado ou lutam para sair dele e, por conta disso, nos chama a sermos brandos e cuidadosos.

Parece que os crentes imaturos são especialmente propensos à dureza, pois Paulo não se dirige a eles, mas sim aos crentes que são espiritualmente maduros, para que façam essa tarefa. Parte da razão pela qual a dureza é comum para os espiritualmente imaturos, é porque eles muitas vezes não reconhecem seus próprios pecados e a própria vulnerabilidade. Como no passado superaram certos pecados, agora sentem-se confiantes e fortes, se esquecendo, que, sendo vulneráveis, poderão acabar tropeçando. Achar-se forte, ignorando o risco de voltar a cair, é na realidade, uma fraqueza que os cega e os torna ineficazes no processo de ajudar alguém. O pecado que cometeram antes, e que foi resolvido, está agora sendo substituído por outro pecado, o da autossuficiência e do orgulho, o que os leva a julgar os outros de forma errada. Em contraste, os crentes espirituais não são apenas espirituais por causa de sua capacidade de vencer o pecado, mas têm essa condição por conta de sua humildade. O fato de reconhecerem que são vulneráveis ao fracasso, os aproxima ainda mais de Deus e os torna mais brandos e misericordiosos com os outros.

Nesse estudo vimos que Jesus não está proibindo julgamentos. O fato, porém, é que sempre teremos que enfrentar situações incluindo nossas próprias atitudes, em que precisaremos realizar algum tipo de julgamento. Que isso seja feito com motivações corretas e que sempre sejamos guiados pelo Espírito Santo. Ao invés de sermos pessoas críticas com os tropeços de nossos irmãos, que tenhamos uma atitude de brandura, humildade e paciência.

Bibliografia

- (1) The Sermon On The Mount: Experiencing God's Kingdom On Earth - Gregory Brown
- (2) Notes on Matthew - Thomas Constable

